

# MATERIAL DIGITAL DO LIVRO DO PROFESSOR



EQUIPE PEDAGÓGICA:  
REBECA ALBUQUERQUE  
E ALINE MATOS DE AMORIM

código do livro  
PD LP 000 202 - 0364  
P22 02 03 000 000

# FICHA TÉCNICA

*Todos os direitos desta publicação são reservados à Casa dos Livros Editora Ltda.*

*Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.*

**Título:** Coelhinho tem que ajudar

**Ano:** 2021

**Edição:** 1ª Edição

**Autor e Ilustrador:** John Bond

**Tradutor:** Giu Alonso

**Editora:** Casa dos Livros Editora Ltda.

**Gênero literário:** Narrativos: fábulas originais, da literatura universal e da tradição popular, etc.

**Temas:** Relacionamento pessoal e desenvolvimento de sentimentos de crianças nas escolas, nas famílias e nas comunidades (urbanas e rurais).

**Categoria:** Pré-escola

**Autoria do Material Digital do Professor:** Rebeca Albuquerque e Aline Matos de Amorim

Casa dos Livros Editora Ltda

Estrada do Rosário, 135, lote 31 quadra 5, Jardim Primavera, Duque de Caxias/RJ, CEP: 25.215-365

# SUMÁRIO

- I — De professor para professor **4**  
(Uma carta para dialogar com a professora ou o professor)
- II — História, pra que te quero? **5**  
(Teoria literária)
- III — Conhecendo um mundo de histórias **7**  
(Contexto do escritor e ilustrador)
- IV — Vem que eu leio uma história! **8**  
(Estratégias de interação verbal)
- V — Ouvindo, vendo e vivendo a história **12**  
(Leitura dialogada)
- VI — A história e seus múltiplos campos de experiência **15**  
(Modelagem da aula)
- VII — Conta de novo: uma história de afetos em família **19**  
(Literacia familiar)
- VIII — Para fecharmos a roda com referências bibliográficas **22**
- IX — Para (não) concluir: leituras complementares **23**

# I – DE PROFESSOR PARA PROFESSOR

(UMA CARTA PARA DIALOGAR COM  
A PROFESSORA OU O PROFESSOR)

*Uma criança, um professor, um livro e uma caneta podem mudar o mundo.*

*A educação é a única solução.*

Malala Yousafzai

Professora, professor,

Quem de vocês já precisou de ajuda? Nós todos precisamos, não é mesmo? E se essa “mãozinha” fosse a mais atrapalhada possível? Essa é a história do nosso personagem, um pequeno coelho prestativo que se envolve em uma grande confusão para fazer algo que ele considera importante.

Tal qual Coelhinho, nós também temos uma missão notável: possibilitar que as crianças, já inseridas em uma cultura letrada, desenvolvam múltiplas habilidades e outras linguagens, por meio de histórias como esta: *Coelhinho tem que ajudar*, de John Bond. Ao longo da jornada de nosso coelho filhote, vamos criar as nossas próprias aventuras, bem menos atrapalhadas, mas igualmente divertidas!

Antes de começarmos, é importante ressaltar que as crianças já trazem em si, desde bebês, a capacidade de se comunicar com o mundo: o choro, os balbucios, as palavrinhas pequenas que elas aprendem no convívio familiar, as expressões faciais, os movimentos corporais... **Expressar-se** é um direito fundamental da primeira infância, aliado a **conviver**, a **brincar**, a **participar**, a **explorar** e a **conhecer-se** (BRASIL, 2018, p. 38), que precisam ser garantidos por nós.

Portanto, ao propormos desenvolver com vocês atividades de leitura, estamos assegurando nosso compromisso de ver a criança em sua integralidade, reforçado pelo forte papel que a literatura desempenha. Partindo desse princípio, desenvolvemos, nas seções deste material digital, visões teóricas e ações pedagógicas a respeito do letramento literário infantil, considerando os direitos de aprendizagem e o novo arranjo curricular estabelecido pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

De forma leve e fluida, assim como a aventura de nosso amigo Coelhinho, que precisa muito ajudar a mãe a postar uma carta importante, nós também queremos convidar vocês, professores, para algo muito, muito importante: construir conosco e com as crianças um mundo de interações e brincadeiras, por meio da leitura literária. Então, podem nos ajudar?

## II – HISTÓRIA, PRA QUE TE QUERO?

### (TEORIA LITERÁRIA)

Vocês já devem ter ouvido falar que o colo dos pais dá confiança e suscita emoções. Mais do que esses sentimentos, é por meio do ambiente familiar, pelas vozes dos adultos, que as crianças se inserem no mundo da literatura. As cantigas de ninar, as de roda, “a imaginação criadora e a exploração sonora e semântica próprias das brincadeiras infantis se misturam à descoberta do mundo e com ela se confundem” (MACHADO, 2011). É nas diversas experiências “socialmente lúdicas” que as crianças percebem a vida em todas as suas facetas. Uma dessas vivências é o contato com a leitura literária, seja ela oralizada, seja por meio da escrita formal.

Conforme Machado (2011) explicita, “se aprende a gostar de histórias inicialmente pela voz do adulto, leitor já conhecedor de repertórios de textos ficcionais e poéticos” (MACHADO, 2011, p. 36), nos mais diversos suportes. Se no ambiente doméstico as práticas de leitura não são institucionalizadas, é por meio da instituição de Educação Infantil que esse primeiro contato se dá. Portanto, é crucial entender como funciona esse contato e como ele pode ser desenvolvido pelos professores, com o apoio da família, visto que, “para potencializar as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças, a prática do **diálogo** e o **compartilhamento de responsabilidades** entre a instituição de Educação Infantil e a família são essenciais” (BRASIL, 2018, grifos nossos).

Todas as vivências da criança são refletidas nos textos por seu **caráter imaginativo** próprio. Arelada à imaginação, temos a **fantasia** como recurso simbólico na e da linguagem, por isso a aproximação das crianças com os contos de fadas.

Os textos que refletem tais narrativas precisam, além dessas características, ter um cuidado especial com a linguagem escrita e a imagem. Segundo Heck (2008, p. 24), sem dúvida, “a imagem é fundamental nos textos de literatura infantil e, além disso, possui uma função especial, que é de complementar o texto escrito. As imagens devem revelar ‘algo mais’ e não simplesmente reproduzir o texto”. As figuras sonoras apoiadas na linguagem mais próxima do oral também são recursos bastante utilizados por livros infantis.

No livro *Coelhinho tem que ajudar*, é possível notar essas características de forma efetiva: o uso da imagem do coelho, animal com laços afetivos já construídos junto às crianças, ao ser conhecido por sua fofura e docilidade; a representação

familiar estabelecida entre o Coelho e a Mãe Coelha, com imagens da casa e dos personagens de forma fluida e leve; a fala do protagonista, com vocabulário próximo ao das crianças bem pequenas e pontuações que tornam a leitura do adulto espontânea e descomplicada; bem como a sequência de aventuras pela qual o Coelho passa, deixando correr a imaginação e a fantasia das crianças ao longo da leitura.

Cabe ressaltar que o contato com o texto literário é parte do processo de letramento da criança, mas a orientação pedagógica dada a partir dele é de suma importância para a formação de futuros leitores experientes.

# III – CONHECENDO UM MUNDO DE HISTÓRIAS

## (CONTEXTO DO ESCRITOR E ILUSTRADOR)

Como é bom desenhar! Desenhar e contar histórias, então, é fabuloso! John Bond, escritor de *Coelhinho tem que ajudar*, sabe explicar essa sensação muito bem, pois ele criou e ilustrou a aventura do nosso pequeno, prestativo e corajoso coelho: ele precisa postar uma carta muito importante de sua mãe para sua avó. E não pode se atrasar!

As imagens do livro por vezes assemelham-se a uma história em quadinhos, com traços e cores bem leves e divertidas. Para trabalhar com imagens e desenhos, John estudou Ilustração na Universidade de Kingston.



iamjohnbond.com

↑ Conheça mais sobre o autor John Bond no site (em inglês), disponível em: <https://iamjohnbond.com/>; acesso em: 11 dez. 2020.



É possível encontrar outras ilustrações nas redes sociais do próprio escritor, bem como animações de seus livros. Além disso, o autor promove contações de suas histórias em escolas, galerias e cafés no Reino Unido, país onde mora.

Além de escritor e ilustrador, John é artista e diretor de arte.

# IV – VEM QUE EU LEIO UMA HISTÓRIA!

## (ESTRATÉGIAS DE INTERAÇÃO VERBAL)

Ler não é um ato automático. É preciso estabelecer relações entre o livro, o sujeito que lê e aquele que faz a mediação da leitura, os quais estão imersos em contextos históricos, sociais e culturais determinados. Portanto, são muitas as reflexões e ponderações que precisam ser realizadas antes e durante o letramento literário, constituindo o que chamamos de **cultura leitora**.

Como preconiza a BNCC, há dois eixos que estruturam a Educação Infantil: as **interações** e a **brincadeira**. Nesse sentido, é preciso estabelecer com as crianças trocas constantes de experiências e emoções. Para que esse compartilhamento seja profícuo, há estratégias lúdicas que podem (e necessitam) ser desenvolvidas para qualificar o momento da leitura, deixando-o o mais divertido possível.

Aqui, professores, sugerimos algumas ações, mas é no cotidiano e nas inter-relações que essas estratégias se constituem e impõem-se como práticas sociais:

### PREPARAÇÃO PARA AS ATIVIDADES

- ▶ Observe o grupo de crianças bem pequenas com o qual você se relaciona: de onde elas vêm? Como é o cotidiano delas? Passam o dia na instituição de Educação Infantil ou somente um turno? Quem as acompanha?
- ▶ Observe como o grupo de crianças bem pequenas se organiza: elas são muito próximas? Elas se reconhecem? Como elas compartilham experiências? Do que elas mais gostam de conversar? Quais temáticas são corriqueiras? Como elas se expressam? Que músicas gostam de ouvir?

Essas informações são de extrema importância e precisam ser documentadas, uma vez que as crianças são agentes ativos no processo de letramento. Elas precisam ser respeitadas não só coletivamente, enquanto grupo infantil, mas também em suas individualidades, o que influencia na seleção dos livros.

### ANTES DA LEITURA

É preciso organizar-se no espaço e despertar o interesse das crianças para estabelecer a leitura de *Coelhinho tem que ajudar*.

Pode-se convidá-las a sentarem no chão, em tapetes e/ou colchonetes (ou da forma que se sentirem mais confortáveis).

- ▶ Como forma de iniciar a atividade, utilize pandeiro, tambor, ou algum instrumento musical, para que as crianças internalizem as atividades de



leitura como lúdicas. Pode-se cantar/declamar alguns versos que anunciem a “chegada triunfal” da leitura.

- ▶ A utilização de acessórios também é interessante: óculos, chapéus, lenços... Eles demarcam o momento de contação e tornam-no mais afetivo e divertido, criando uma atmosfera de suspense e de encantamento.

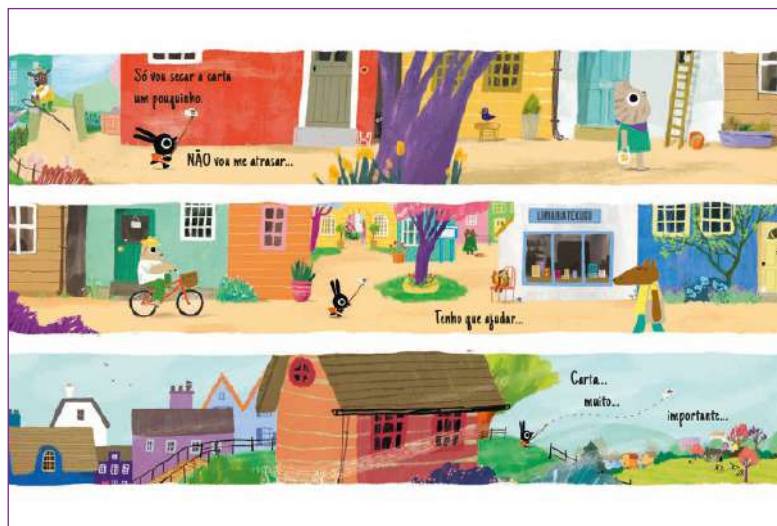
## DURANTE A LEITURA

- ▶ O cuidado com as expressões corporais que emanam desse momento é fundamental. Os professores são os referenciais de leitura das crianças bem pequenas, portanto, é preciso espelhar isso durante o processo.
- ▶ Falar muito alto nem sempre é o melhor caminho. Se fazer escutar pelas crianças depende muito mais do comportamento do professor-leitor e da professora-leitora frente ao texto que da necessidade de gritar para “atingir” a todos.
- ▶ Explore o que está “do lado de fora”: capa e título são imprescindíveis para seduzir leitores. Deixá-los curiosos é uma estratégia eficaz para garantir a atenção da garotada.



Pode-se, por exemplo, perguntar: **Crianças, quem é o nosso personagem? O que ele é e por que vocês estão afirmando isso? Onde ele mora e como vocês sabem?** Durante o diálogo, expressões confirmativas de alegria ou mais indagações (**Como será? Todo mundo acha isso? Por que você disse isso?**) são igualmente importantes. Aponte para o livro constantemente, pergunte sobre as cores que veem, se gostaram das ilustrações...

- ▶ Leia devagar, faça pausas intencionais<sup>1</sup> para conversar com a turma, exponha seu ponto de vista e pergunte para as crianças o que elas pensam a respeito... Mas não demore muito, para não perder o “fio da meada”! Explore a pontuação utilizada no livro. Vejamos a cena a seguir (p.18-19):



P. 18-19

Nos quadrinhos, houve repetição de cenas, para a reafirmação do sentimento de não poder se atrasar, e o uso de reticências, para mostrar cansaço e decepção por ter perdido novamente a carta (com uso de palavras entrecortadas), que podem ser representados na fala do professor.

- ▶ Crie novos e vários tons de voz, representando personagens diferentes (voz falhada, fina, grossa, alta, baixa...).
- ▶ Movimente-se: use a extensão dos braços, aponte para o livro, reproduza gestos e expressões faciais... A criança precisa viver e sentir a história.
- ▶ Acrescente ou retire vocábulos do livro, para acelerar a narrativa ou para deixá-la mais convidativa. As onomatopeias (como o barulho da buzina do ônibus: bibi!; o som do passarinho: piu-piu!; o relógio: tic-tac etc.) podem contribuir com a leitura, pois dão vida à história. Outras sugestões de trechos para acrescentar onomatopeias: som do botão da mochila fechando, da geleia grudando...



10

P. 10

1. As pausas são estratégias de leitura importantes e precisam ser avaliadas. Para tanto, é necessário estudar o livro com antecedência e agir com objetivos pedagógicos claros, analisando qual o melhor momento de parar. Para além disso, é necessário sentir o comportamento do grupo de crianças ao longo da narrativa e, se preciso, mudar as pausas, acelerando (ou não) a leitura.

- ▶ Não se preocupe se algumas crianças não estejam focadas em você, professor. É muito comum que elas desenvolvam atividades paralelas ou desviem o olhar enquanto escutam as histórias (desenhar, olhar para os coleguinhas...). Essa habilidade pode ser desenvolvida ao longo da primeira infância.

Além dessas estratégias, existem muitos outros métodos que podem contribuir para o processo de leitura das crianças, mas eles podem ser edificados ao longo do tempo.



P. 27

# V – OUVINDO, VENDENDO E VIVENDO A HISTÓRIA

(LEITURA DIALOGADA)

**Que histórias se ligam à nossa? Do que as crianças se lembram durante a história?** É muito comum que, durante o processo de leitura, as crianças busquem interagir umas com as outras, contando novas histórias. Essa situação é gerada porque, durante a leitura, há um resgate de situações vividas que precisam ser expressadas.

A voz da criança é referência para a continuidade do processo, pois reflete os conhecimentos prévios estabelecidos por ela, por meio de suas experiências. Ao contá-las, ela não só está revivendo um momento como também está criando laços afetivos com a leitura, com os sujeitos envolvidos, com o instrumento “livro”, com o momento...

Os vínculos são externalizados para serem fortalecidos. Nesse sentido, a voz da criança e, conseqüentemente, a escuta atenta e empática do professor não podem ser negligenciadas. É preciso manter o diálogo com a turma, reforçando os laços construídos e voltando ao momento de partida. A participação não pode ser vista como uma quebra de raciocínio, mas como uma janela para o lúdico, e é preciso saber aproveitá-la.

Na história contada, por exemplo, é provável que as crianças se lembrem de momentos em que ajudaram os familiares (arrumando a cama, guardando os brinquedos, alimentando o animal de estimação etc.); momentos em que, junto aos pais, perderam a hora de algum compromisso; situações em que estavam apressadas para fazer algo; em que perderam algo muito valioso; em que se sujaram de bolo; em que deixaram algum papel voar, em que foram criativas para resolver um problema; ou em que não conseguiram fazer algo que lhes foi pedido.

De posse dessas probabilidades, pode-se explorar o sentimento de medo, de ansiedade, de frustração, de alegria, dentre outros, perguntando como as crianças se sentiram, se elas tomariam a mesma atitude do Coelhoinho ou não. O diálogo pode ser incentivado, de modo que o texto também volte à tona.

Também é essencial traçar relações com as imagens. Quando vocês, professores, apontarem para a cena a seguir, por exemplo, podem perguntar às crianças: **Se vocês fossem o Coelhoinho, como se sentiriam ao ganhar essa responsabilidade? Quem já precisou fazer algo muito importante para alguém? Por que o Coelhoinho foi arrumar a mala?**





P. 6-7

Essas perguntas podem estimular a participação das crianças, resgatando as experiências vividas e, ao mesmo tempo, relacionando-as à leitura. As competências socioemocionais podem e devem ser exploradas por meio das imagens. Vejamos a ilustração a seguir que serve como mote para falar de sentimentos relacionados à tristeza e de como as crianças se sentem quando perdem algo.



P. 22-23

**Como vocês acham que ele está se sentindo e por quê?**

**O que ele poderia fazer para sair dessa situação?**

**O que podemos falar para o Coelhoinho?**

Perguntas como essas podem suscitar um diálogo produtivo com a turma, pois focam na percepção de o personagem sentir-se sozinho (mesmo com a presença de outro personagem, ao fundo), de cabeça baixa, em um espaço destinado à diversão (gangorra), mas sem brincar...

Outras cenas que precisam ser bem trabalhadas no momento da leitura são os momentos finais dessa aventura.



P. 30-31



P. 32

Neles, Coelhinho chega satisfeito à sua casa por achar que conseguiu realizar um grande favor para sua mãe. Sua animação é tamanha que ele já pergunta qual será sua próxima tarefa! Mas o que ele não percebe é que a cartinha que deveria ter sido postada ficou colada em sua mochila. Os professores, que são leitores mais experientes, precisam evidenciar esse fato e observar se as crianças já o perceberam por meio de suas reações e falas no momento da leitura.

Uma estratégia de mediação é também parecer surpreso, ressaltando a descoberta com:

**Mas o que é isso na mochila de Coelhinho? Vocês**

**também estão vendo?** Dessa forma, as crianças sentem-se encorajadas a falar sobre o descuido do coelho, gerando um momento cômico na turma.

# VI – A HISTÓRIA E SEUS MÚLTIPLOS CAMPOS DE EXPERIÊNCIA

## (MODELAGEM DA AULA)

Ah... como é bom ouvir e contar histórias! Fazemos isso desde a mais tenra idade, por meio de inúmeras formas de expressão, mas é na creche e na pré-escola que o mundo se abre para a leitura e para a escrita institucionalizada. A escuta e a contação são meios pelos quais as crianças ampliam seu vocabulário, interagem mais facilmente com os colegas – de faixa etária igual ou diferente – e com adultos, desenvolvem a imaginação, a criatividade, perdem a timidez, entendem e expressam sentimentos.

Essa relação com as histórias precisa ser mediada de forma intencional por alguém que seja não somente um leitor experiente, mas, em especial, que perceba as possibilidades pedagógicas do trabalho com a literatura, ou seja, os professores. Tudo precisa ser cuidadosamente pensado: desde a seleção dos textos, considerando a realidade das crianças, passando pelo que elas já conhecem e o que revelam de seus conhecimentos, até a faixa etária e o nível de maturidade e de cognição da turma.

Nesse sentido, a criança precisa ser vista como agente do processo de leitura:

Essa concepção de criança como ser que observa, questiona, levanta hipóteses, conclui, faz julgamentos e assimila valores e que constrói conhecimentos e se apropria do conhecimento sistematizado por meio da ação e nas interações com o mundo físico e social não deve resultar no confinamento dessas aprendizagens a um processo de desenvolvimento natural ou espontâneo (BRASIL, 2018, p. 38).

Desse modo, é necessária a **intencionalidade educativa**, que precisa respeitar as singularidades do processo de aprendizagem das crianças. Ao contar histórias, o professor precisa estudá-las antes: como é possível criar um momento de leitura no espaço educativo? Como mostrar o livro? Como as crianças podem recebê-lo e como os docentes precisam se portar? Que experiências podem promover para que as crianças vivenciem situações diversas? Quais objetivos de aprendizagem e desenvolvimento fundamentam suas práticas pedagógicas?

São muitas as indagações que precisam ser feitas pelos mediadores de leitura, e elas precisam estar claras no processo de leitura. A BNCC, por exemplo, explica que é nas interações com os adultos que as crianças desenvolvem “um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista” (BRASIL, 2018, p. 42); que é no contato e no convívio com as diferentes expressões culturais (literatura, a música, a dança, o teatro...) que elas criam **suas próprias produções artísticas ou culturais**, desenvolvendo outras formas de expressão e outras linguagens; que é na escuta ativa e na oralidade que as crianças se constituem “ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social” (BRASIL, 2018, p. 44).

Para além da intencionalidade pedagógica durante o processo de leitura, é preciso pensar no que se lê, ou seja, no texto propriamente dito. Para nossa missão, trazemos um livro de aventuras infantis: a história de um coelho que pede à sua mãe para postar a carta para sua avó no correio. Logo no início, percebemos a importância dada à carta, pois ela revela um convite da mãe à avó de Coelho. Nesse sentido, salienta-se ao professor o campo **O eu, o outro e o nós**, no qual um dos objetivos de aprendizagem, EI03EO01, é “demonstrar empatia pelos outros, percebendo que as pessoas têm diferentes sentimentos, necessidades e maneiras de pensar e agir” (BRASIL, 2018, p. 47), uma vez que o coelho é levado a se importar com os sentimentos da mãe e a querer mostrar todo seu cuidado com a mensagem que carrega (sentimento permanente durante toda a história).

Outro objetivo de aprendizagem do mesmo campo, presente em toda a história, é o EI03EO02, que convida as crianças a “agir de maneira independente, com confiança em suas capacidades, reconhecendo suas conquistas e limitações” (BRASIL, 2018, p. 47), na medida em que Coelho confia na sua capacidade de ajudar a Mãe Coelho, sendo útil e cuidadoso ao levar a carta ao correio. O protagonista vai, sozinho, ao centro da cidade e tenta resolver seus próprios problemas durante a jornada, de maneira autônoma, confiando em suas potencialidades.

Emergindo desses objetivos de aprendizagem e desenvolvimento que sobressaem (mas que não agem sozinhos) é possível desenvolver atividades lúdicas com as crianças, como as que seguem.

### **ATIVIDADE EVIDENCIADA PELO CAMPO O EU, O OUTRO E O NÓS**

- ▶ De forma integrada à leitura, pode-se pedir às crianças que tragam de suas casas objetos que sejam importantes para algum familiar e, assim como Coelho fez com sua mãe, pedir que eles cuidem desse objeto, não deixando acontecer nada com ele. Podem ser cartas, acessórios, roupas, poemas ou letras de música que os familiares gostem de ouvir, fotografias... O importante é a afetividade envolvida no ato de cuidar, bem como o sentimento de confiança da família com a criança e da criança consigo mesma.



Outro campo que claramente se evidencia durante a leitura é o **Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações**, visto que toda a aventura passada pelo personagem é vinculada ao fator **tempo**, já que a carta precisa ser enviada antes das cinco horas da tarde. Essa reação ao tempo, à pressa e ao atraso gera inúmeras (re)ações que podem ser conflitantes: andar ou esperar o ônibus? Parar para lancha ou correr para o Correio?

Ainda nesse campo, outra relação interessante pode ser pesquisada, com crianças, a partir do seguinte objetivo de aprendizagem: “(EI03ET01) Estabelecer relações de comparação entre objetos, observando suas propriedades” (BRASIL, 2018, p. 53), visto que, ao perceber que não consegue alcançar a caixa de postagem, Coelhoinho utiliza seu *slime* (ou geleca)<sup>2</sup> para fixar a carta na haste da caixa, justificando sua criatividade como “uma nova forma de enviar cartas”.

### **ATIVIDADE EVIDENCIADA PELO CAMPO ESPAÇOS, TEMPOS, QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES**

- ▶ Pode-se produzir com a turma um *slime* caseiro, mostrando às crianças a consistência do produto, e relacionar ao fato de ele exercer (ou não) a função que Coelhoinho queria (fixar a carta na haste da caixa de correio). Expandindo o processo de produção, pode-se comparar pesos e medidas, cores e texturas, a partir do material utilizado: creme hidratante, espuma de barbear, água, cola, dentre outros.

Atrelado ao campo **Corpo, gestos e movimentos**, é possível investigar como Coelhoinho direciona suas ações e, por conseguinte, seu corpo, para atender às suas necessidades, seja porque a carta sujou com pedaços do bolo que ele estava comendo (e ele precisou lavá-la no rio), seja porque a carta voou de suas mãos, caindo na água (e ele descobriu que poderia usar instrumentos de pesca para agarrá-la novamente). Assim, é possível interligar dois objetivos: “Adotar hábitos de autocuidado relacionados à higiene, alimentação, conforto e aparência” - EI03CG04 (BRASIL, 2018, p. 49) e “Coordenar suas habilidades manuais no atendimento adequado a seus interesses e necessidades em situações diversas” - EI03CG05 (BRASIL, 2018, p. 49).

### **ATIVIDADES EVIDENCIADAS PELO CAMPO CORPO, GESTOS E MOVIMENTOS**

- ▶ É possível evidenciar práticas de higiene e limpeza constantes, como lavar as mãos; além de construir coletivamente algum instrumento que possa ajudar a turma nas atividades diárias, como um cesto de papelão

---

2. A tradução do termo inglês aponta para algo pegajoso ou gosmento. No Brasil, o termo é usado para se referir a uma gosma, que pode ser fabricada de forma caseira, com materiais específicos (como explicita a brincadeira deste manual).

(para guardar brinquedos) ou um porta-lápis com rolos de papelão reciclados (para guardar materiais de pintura, tais como giz de cera, lápis colorido etc.).

Ressaltamos aqui que essas relações não são as únicas que podem ser feitas no seio do processo de letramento literário. Em todas as atividades desenvolvidas com e pelas crianças, todos<sup>3</sup> os campos de experiência estão, de algum modo, sendo mobilizados. Os campos de experiências e os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento emergem das práticas pedagógicas, de acordo com a intencionalidade educativa do professor. Dessa forma, a documentação pedagógica deve ser realizada, considerando a indissociabilidade dos campos, embora alguns se evidenciem momentaneamente. Por exemplo:

### ATIVIDADE: PREPARANDO O CHÁ DA TARDE!

O eu, o outro e o nós: EI03EO01, EI03EO03.

Corpo, gestos e movimentos: EI03CG01, EI03CG04, EI03CG05.

Escuta, fala, pensamento e imaginação: EI03EF01.

Traços, tempos, quantidades, relações e transformações: EI03ET01, EI03ET07.

**Saberes:** expressão corporal, expressão oral, literatura e jogos simbólicos, percepção visual.

Assim como a Mamãe Coelha, os professores podem organizar com as crianças um chá da tarde (ou da manhã, adaptando à sua realidade), convidando os familiares para se juntar à turma, em uma celebração de amor e carinho entre todos. Pode-se preparar convites e pedir às crianças para entregarem; pode-se preparar receitas simples com elas, como sucos, bolos de caneca, salada de frutas; pode-se organizar a mesa do chá com brinquedos e flores...

Essa sequência de ações mobiliza vários campos e objetivos, os quais podem ser registrados e documentados pelos professores.

---

3. Cada professor pode, a partir da sistematização dessas atividades e de sua realidade local, identificar campos e objetivos que se interligam ao que propomos aqui.

# VII – CONTA DE NOVO: UMA HISTÓRIA DE AFETOS EM FAMÍLIA

(LITERACIA FAMILIAR)

A afetividade familiar é, sem dúvidas, mola propulsora para a garantia dos direitos de aprendizagem das crianças. Unidos à instituição de Educação Infantil, mães, pais, avós, tios e tias podem contribuir com o desenvolvimento de habilidades cognitivas, emocionais e sociais. É imprescindível, então, que a família se alie no desenvolvimento de atividades de leitura, visto que, nesse processo, as crianças tendem a ampliar o vocabulário, a reconhecer no outro e em si mesmas práticas significativas de leitura e de escrita espontânea.

As práticas desenvolvidas no seio familiar precisam ser bem direcionadas e cuidadosamente pensadas por professores, no sentido de respeitar as diferentes organizações familiares e a imersão delas nas mais diversas culturas. Ressaltamos que não cabe aqui a transmissão da responsabilidade pedagógica à família. Defendemos, nesse cenário, que a leitura do mundo se inicia ainda em âmbito doméstico, nos primeiros olhares entre a mãe e a criança, nas birras, nos diálogos embrionários entre a criança e os irmãos, por exemplo.

Nesse sentido, quando a criança já está inserida em uma cultura de letramento desde seu nascimento, essa cultura leitora se intensifica ao longo de sua jornada e chegada à instituição de Educação Infantil. Compreendemos, então, que o elo família-escola é crucial.

Para que isso seja possível, é imprescindível que todos os educadores percebam as famílias como parceiras, visto que cada uma delas é o primeiro grupo social do qual a criança participa. Assim, **as famílias podem contribuir com informações e decisões importantes**, colaborando para o planejamento da ação pedagógica (CEARÁ, 2019, p. 162, grifos nossos).

Como é possível, então, auxiliar as famílias, respeitando os aspectos históricos, sociais e culturais em que elas estão inseridas? Neste material digital, trazemos algumas atividades que podem ser desenvolvidas em casa, com os familiares e a criança, considerando a intencionalidade pedagógica do professor responsável pela documentação das ações.

Desse modo, antes de qualquer atividade, é preciso um diálogo aberto e permanente com as famílias, na busca de estratégias acolhedoras e empáticas, tendo a criança como protagonista do processo. A indicação aos pais do livro lido pelas crianças é importante, para que as atividades sejam relevantes também para eles.

Selecionamos aqui três atividades que podem ser desenvolvidas em casa, com as crianças e as famílias, e devem ser acompanhadas pela instituição de Educação Infantil, na figura dos professores.

### **ATIVIDADE: POTES DO SENTIMENTO**

- ▶ No período de trabalho com o livro, peça aos pais que reservem em casa potes vazios (podem ser de vidro, de plástico ou reaproveitáveis).
- ▶ Peça para que, com as crianças, escolham uma cor e um sentimento relativo a ela, pintando um pote correspondente e nomeando-o. Por exemplo: para o pote da alegria, a cor amarela; para o pote da tristeza, o marrom; para o pote da frustração, o verde; para o da gratidão, o azul.
- ▶ Explique que, durante o período, os pais devem observar os sentimentos das crianças nas atividades diárias. Quando elas revelarem fortemente algum sentimento, peça para colocarem no pote correspondente algum pedacinho de papel (moedinhas ou pedrinhas).
- ▶ Explique que, antes de colocar no pote, é preciso conversar com a criança, para que ela explique o que se está sentindo. Perguntas norteadoras podem ser enviadas aos familiares, para que eles reproduzam com as crianças: Como você está se sentindo? Você pode me explicar melhor? Você está com raiva [ou outro sentimento]?
- ▶ Ao final do período, peça aos familiares que escolham um momento, em um lugar calmo e reservado, para que eles abram os potes e conversem com as crianças sobre os sentimentos revelados, buscando lembrar alguns episódios familiares.

O foco da atividade é o diálogo familiar e a compreensão dos sentimentos da criança.

É possível registrar a atividade por meio de fotografias e vídeos.

É possível relacionar os sentimentos das crianças aos de Coelhoinho, considerando o diálogo realizado nas famílias e na escola, com os amigos e os professores.

### **ATIVIDADE: MEU CAMINHO**

- ▶ Essa é uma atividade de observação. Peça para os pais escolherem com as crianças um trajeto que eles fazem juntos todos os dias (ou de forma recorrente): a ida à escola, ao supermercado ou à praça, por exemplo.
- ▶ Explique que, juntos, eles precisam observar o caminho que fazem: as pessoas que encontram, os prédios, as lojas, os animais, as árvores.

- ▶ Explique que é preciso conversar com a criança ao longo do trajeto, perguntando o que ela pensa sobre o que vê, se ela reconhece alguns pontos de referência ou pessoas, se ela gosta (ou não) do caminho traçado, se ela conhece alguém que faça o mesmo trajeto.

O foco da atividade é o diálogo familiar e o desenvolvimento da percepção infantil.

É possível registrar a atividade por meio de fotografias e vídeos.

É possível relacionar o caminho realizado pelas crianças ao trajeto realizado por Coelhoinho, considerando o diálogo realizado nas famílias e na escola, com os amigos e os professores.

### **ATIVIDADE: NOSSA MENSAGEM!**

- ▶ Para explorar o gênero carta, é possível pedir aos pais que, junto às crianças, escrevam<sup>4</sup> uma carta para alguém muito querido.
- ▶ Centralizando a criança no processo, a escrita é espontânea, mas os familiares também podem registrar seus sentimentos no papel.
- ▶ Indique a utilização de materiais de pintura, corte e colagem, incentivando a criatividade da criança.
- ▶ Peça para que eles realmente enviem a mensagem, cumprindo com a função social da carta. Pode-se, com a criança, levar a carta ao Correio ou entregar em mãos, revelando (e marcando) todas as emoções do momento.

O foco da atividade é o diálogo familiar, o desenvolvimento da criatividade e da escrita espontânea e o estreitamento das relações interpessoais na família.

É possível registrar a atividade por meio de fotografias e vídeos.

É possível relacionar o caminho, a responsabilidade e o cuidado da criança com a carta aos mesmos sentimentos de Coelhoinho durante a história.

As atividades propostas são exemplos dentre muitos outros que podem ser realizados, tendo em vista outras linguagens que inter cruzam a leitura, tais como a música/cantigas de roda, a dança, a teatralização... O mais importante é a manutenção e a solidificação dos vínculos familiares, considerando a criança pequena como cerne dos comportamentos e condutas sociais.

---

4. Considerando a realidade das mais diversas famílias, pode-se substituir a escrita por desenhos. Pode-se também, no lugar da carta, enviar uma mensagem em formato de vídeo ou áudio, por meio de ferramentas digitais.

## VIII – PARA FECHARMOS A RODA COM REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- CEARÁ. Secretaria da Educação. **Documento Curricular Referencial do Ceará**. Fortaleza: SEDUC, 2019. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos\\_estados/documento\\_curricular\\_ce.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos_estados/documento_curricular_ce.pdf); acesso em: 15 dez. 2020.
- HECK, V. Z. **A influência da literatura infantil na resolução de conflitos interiores das crianças**. 2008. 75 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Teologia, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2008. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=188349](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=188349); acesso em: 24 out. 2020.
- MACHADO, M. Z. V. A literatura e os leitores jovens. **Revista na Ponta do Lápis**, n. 17, ano VII. P. 34-41. Agosto, 2011.



## IX - PARA (NÃO) CONCLUIR: LEITURAS COMPLEMENTARES

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**. São Paulo: Global, 2003.

Este livro é a descrição de uma pesquisa realizada na Espanha, e contém informações históricas e elementos preciosos para análise e compreensão da produção editorial destinada à infância e juventude. Teresa Colomer produziu uma obra que certamente se tornará um clássico sobre o tema.

DALVI, Maria Amélia; JOVER-FALEIROS, Rita; REZENDE, Neide Luzia de (orgs.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

Como pensar as relações entre literatura e escola em tempos como os nossos? É possível (e mais: é desejável) potencializar a literatura na formação de crianças e jovens, pela via educacional? Que mudanças são necessárias? O que sabemos, podemos e queremos em relação às práticas escolares atinentes à literatura? Qual o papel da literatura na educação e, particularmente, na escola? Nas últimas quatro décadas, tem havido intensa discussão sobre literatura e educação e uma crítica ferrenha às práticas escolares de (não) leituras literárias. Ao contrário do ensino de língua – que, aos poucos, vai se renovando –, a literatura na escola resiste às mudanças e se vê relegada a lugar secundário e sem força na formação das crianças, dos adolescentes e dos jovens. Com o refinamento das novas tecnologias e a adesão dos estudantes a elas, reforçam-se algumas problemáticas a partir das quais se tornou premente reunir neste livro professores e pesquisadores para pensar a respeito de: O que se ensinaria se de fato se “ensinasse literatura”? O que se ensina hoje na escola quando se ensina literatura, tendo como premissa que, quando dizemos “literatura”, estamos pensando no texto literário e não em outra coisa – como simulacros, resumos, história da literatura, estilos de época, conjunto de obras etc.?

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

Como trabalhar na escola - com inteligência e criatividade - o universo lúdico da literatura infantil? Ao escrever este livro, Maria Alice Faria não caiu na tentação de encarar a literatura como um objeto utilitário, de uso meramente

instrumental. A autora escolheu o caminho menos óbvio e, por consequência, mais desafiador e prazeroso para o professor. A proposta aqui contida não tenciona reduzir a literatura infantil apenas à abordagem pedagógica, mas, além disso, busca capacitar educadores e animadores de leitura para perceber toda a riqueza de detalhes típica dos livros para crianças. É, sobretudo, uma obra que expõe com extrema clareza ideias complexas: Como se estrutura a narrativa para crianças? Qual o papel do texto escrito nessas narrativas? Qual, por sua vez, o papel das ilustrações? Como eles se articulam? Como, enfim, transformar esses elementos básicos em trabalhos práticos, no dia a dia, com alunos das primeiras séries escolares? Um livro que nasceu da permanente inquietação de uma conceituada pesquisadora - mas também ávida leitora - de livros de ficção para crianças e jovens.

FEBA, Berta Lúcia Tagliari; SOUZA, Renata Junqueira de (orgs.). **Leitura literária na escola: Reflexões e propostas na perspectiva do letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

As criações recentes, de que se ocupa essa publicação (as histórias em quadri-nhos, os livros de imagens, as narrativas curtas e os livros-brinquedo) como que rompem com os limites do livro, valendo-se do cruzamento de códigos vários para contar uma história e promover uma experiência de leitura lúdica às crianças. Nesse sentido, elas quebram os protocolos tradicionais e apontam para outras alternativas de interação entre textos e leitores. De certo modo, há uma recuperação da relação original do ser humano com a arte: novas linguagens que se aliam às palavras são feitas de cores e formas, luzes e sombras, movimentos e balões, alterando o conceito de livro infantil e restaurando a liberdade do contato prazeroso com o objeto estético. Talvez aí residam as razões de terem caído tão bem no gosto do público.

MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes (org.). **A função da literatura na escola. Resistência, mediação e formação leitora**. São Paulo: Parábola, 2021.

Os estudos que compõem a função da literatura na escola: resistência, mediação e formação leitora pressupõem que uma reflexão sobre o ensino da literatura e a formação do leitor não pode vir desacompanhada da análise dos rumos da sociedade brasileira, examinada em contexto abrangente, vale dizer, internacional. Não por outra razão, “resistência” é palavra-chave no volume que reúne os ensaios de Ana Elisa Ribeiro, Ester Calland de Sousa Rosa, Maria Amélia Dalvi, Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo e Patrícia Corsino. É também palavra de ordem, pois é em nome da luta em favor da presença da literatura em sala de aula e na vida escolar que o livro se organiza.



MORAES, Fabiano; SANTOS, Fábio Cardoso dos. **Alfabetizar letrando com a literatura infantil**. São Paulo: Cortez; 2014.

Com o objetivo de sugerir práticas de letramento literário para crianças em processo de alfabetização, neste livro, os autores destacam características específicas da literatura infantil (como seus aspectos lúdico e onírico), apresentam a trajetória desse gênero literário, ressaltam a sua importância no processo de tradução de saberes e de reinvenção do mundo e revisitam criticamente clássicos infantis. Também são apresentadas propostas de atividades a partir de versões contemporâneas dos clássicos, de livros que contribuem com a transformação do sujeito e do mundo e de obras da literatura infantil que dialogam com outros gêneros do discurso.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2006

Neste livro de ensaios de Regina Zilberman todos os que estão ligados a livros infantojuvenis (professores, estudantes, pais e autores) encontrarão elementos riquíssimos para redimensionar o papel da literatura infantil nos dias atuais.